

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 681	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	26800	13900	8950	8120	30 DE NOVEMBRO DE 1897	Lisboa, L. do Paço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem...)	48000	24000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	58000	28500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Resplende com toda a intensidade, no céu sem nuvens, um sol do verão de S. Martinho.

Dias deliciosos, que ás vezes enganam as olaias, cujos ramos despídos de folhas se entreabrem como n'um sorriso, deixando apparecer os pequeninos botões cor de rosa, como labios de mulher!

Desertas as praias, desce o sol no seu carro d'ouro a mergulhar nas aguas tranquillias, sem que o contemplem olhos pensativos, sem que lhe sorriam bocas frescas como rosas orvalhadas, sem que o saudem os risos alegres dos bandos contentes.

Tudo retirou para Lisboa. Cerraram-se para muitos mezes as persianas, onde, ainda ha pouco, as gaivotas com seus gritos estridulos vinham todas as auroras dar os bons dias ás nymphas gentis dos pinhaes á beira-mar. Calou-se o piano do club, fecharam-se as batotas.

Lisboa voltou á vida.

Um dia de chuvinha miuda e fria, morrinha, como lhe chamam os velhos, de molha-tolos, como dizem alguns encharcados, dia de verdadeiro inverno, triste e sombrio, quiz novembro mandal-o á terra para não perder direitos adquiridos. Um dia só, e o sol voltou esplendido a brilhar no céu, a espelhar-se no Tejo, a derramar luz e calor por todas essas ruas, depois de tantos mezes de tristura e desconsolo, sem esses rostos bonitos que as animam agora.

Emquanto não abre S. Carlos, dão os noticiaristas do *high-life* conta das senhoras da alta sociedade que vão frequentando os outros theatros e sobretudo o de D. Amélia, onde a companhia franceza inaugurou os espectaculos com a representação da opera comica *Os 28 dias de Clarinha*.

Para entretenimento das conversações não foi só a companhia de opera comica o que ultimamente nos veio de França. O que hoje interessa á Europa e o mundo inteiro é outra vez a celebre tração, a entrega aos allemães de importantissimos documentos, de que fôra accusado e por que estava cumprindo sentença o judeu Dreyfus.

É conhecida a historia d'esse processo. Dreyfus condemnado arrasta no desterro os dias tristes que vive. Ha muito não se falava no crime, no julgamento, na condemnação, no exilio. Surge repentinamente uma duvida.

Parte da colonia Judia accusa do crime hediondo um official do exercito francez. O caso reveste-se de circumstancias e pormenores romanesco. Não lhe falta a dama coberta por véo espesso, entregando cartas misteriosas, a deshoras, em lugar ermo, áquelle que se diz victima d'uma verdadeira conspiração dos judeus, que a todo transe querem salvar Dreyfus.

E' bem verdade que a verdade de hoje é muitas vezes a tolice de amanhã. Assim é na sciencia, nas artes, na politica, nas finanças, no amor. E' pena, mas é verdade tambem, que assim tem sido muita vez na justiça.

Annuncios pomposos de remedios que hontem curavam tudo e hoje a tudo fazem mal, livros que hontem faziam chorar e hoje fazem rir, palavras pomposas com que o povo encheu a bocca gritando-as em hymnos revolucionarios e lhe trouxeram depois maior aperto nas algemas, operações

de agiotagem que dão cedulas que havemos de pagar em sangue, casamentos auspiciosos com um epilogo de pratos na cara, tudo demonstra que as grandes verdades andam por muitas vezes preñhes de exquisitesas mentiras, filhas bastardas de paes incognitos.

Tanto cartaz por essas esquinas! Tantos *grandes successos*! Tanto remedio infallivel! Tanta riqueza com tão pequenino capital!

Vem de longe essa mentira pomposa.

Ainda ha dias encontramos n'um alfarrabio de 1800 um dialogo das esquinas do Rocio, todas ellas cobertas de cartazes vistosos, espalhafatosos, multicores, annunciando as maravilhas de então. A mais carregada era a esquina de S. Domingos, a mais modesta a do Madre de Deus, nome do proprietario d'um café, sito ás portas de Santo António, onde os poetas do tempo iam nas madrugadas frias d'inverno tomar o *quod ore* da socéga.



O EXPLORADOR PORTUGUEZ JOSÉ ANCHIETA

FALLECIDO EM CAÇONDA, EM 14 DE SETEMBRO DE 1897

(Copia de uma photographia)

E, entretanto, os cartazes dão um aspecto alegre ás cidades, são como um signal de vida, do movimento em que todos andamos, correndo atraz d'um ideal que, embora amanhã seja mentira, hoje nos atrai, nos anima, nos faz sentir. Que importa que a peça cahisse? O prazer foi comprar o bilhete e entrar no salão.

Lembra-me o celebre dito d'uma senhora a quem perguntavam qual era o melhor dia da vida.

— A vespera.

Além d'isso as typographias vão-se esmerando e a sciencia de fazer cartazes vai progredindo. Imaginem o que seria aquelle horrivel paredão do Arsenal, se não fosse o criterio artistico do Thomaz de Mello!

Theatros todos abertos não faltam cartazes, espectaculos não faltam.

O mais attrahente da semana que passou foi sem duvida o sarão do Real Gymnasio Club Portuguez.

Um outro se annunciou que esse havia de ser brilhantissimo.

O *Diario Illustrado* publicou, ha dias, a idéa de fazer ao incomparavel Taborda uma grande festa em que por certo tomariam parte, e com todo o coração, todos os mais illustres collegas do maior artista do theatro portuguez.

Era a consagração do genio.

Taborda, tão modesto como cheio de talento, pediu... por obsequio, que o dispensassem de mais essa gloria que muito iria commovel-o.

Ao *Diario Illustrado* correram muitos escriptores e artistas dramaticos, pondo os seus talentos á disposição do promotor da festa, que, seria por certo tão bella quanto commovente.

O jornal de 27 termina o artigo referente ao Taborda (e vai sem epitheto, porque todos são mesquinhos) com estas muito verdadeiras palavras:

«Este reconhecimento geral e espontaneo chega a ser a maior das consagrações.»

Ainda não ha muitos dias obteve enorme exito no theatro de D. Maria a velha comedia, aliás engraçada, *Os Medicos*, unicamente porque o papel principal foi desempenhado pelo grande actor. Annuncia-se para breve a primeira recita este anno do *Medico a força* obra prima de Molière, traducção maravilhosa de Castilho, que encontrou em Taborda um interprete genial para aquellas primorosas quadras em que o profundo saber do poeta portuguez verteu a prosa genial do maior poeta comico da Franca.

E se das grandes festas em theatros passarmos para outras, não devemos deixar de mencionar as que a patria agradecida deve fazer em homenagem a Joaquim Mousinho de Albuquerque, actualmente em viagem de Lourenço Marques para Lisboa.

Se nos quizermos recordar de muitos momentos venturosos que lhe devemos, e de quanto elle soube fazer vibrar fibras, ha muito caladas nos corações de portuguezes, prestemos-lhe a nossa homenagem, que elle saiba que tem um amigo em cada um de nós, que a aureola de luz de que elle soube encher paginas e paginas da historia não morreu ainda crepusculo rapido d'um poente de dezembro, mas é como o lampear da aurora d'um dia de maio que vai nascendo.

Chega Mousinho, quando mais intensamente se está tratando da celebração do centenario do descobrimento do caminho da India, cujos heroes elle soube recordar-nos.

Continuam as conferencias na Sociedade de Geographia, onde foram applaudidissimas as orações de Magalhães Lima e Consiglieri Pedroso.

Na mesma sala a voz eloquente de Carlos Tavares fez ha dias, o elogio de Sousa Martins.

Glorias passadas que havemos de ver resurgir. Mousinho encarregou-se d'umas; queira Carlos Tavares tomar conta das outras.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

JOSÉ ALBERTO D'OLIVEIRA ANCHIETA

Noticias de Caconda, em data de 14 de setembro e recebidas em Lisboa a 12 do corrente mez de novembro, communicaram ao paiz o passamento do celebre sertanejo e explorador africano

José Alberto de Oliveira Anchieta, occorrido quando ia do sitio de N'Pandira, para Caconda, em exploração zoologica.

José Anchieta foi um sabio cuja vida tem tanto de desprendida como de intima abnegação scientifica, de admiravel perseverança.

Não existe homem de sciencia, nacional ou estrangeiro, que não conheca e respeite o nome de José de Anchieta; não ha viajante ou explorador dos sertões africanos que não tivesse ensejo de admirar aquelle illustre sertanejo, que tanto bem merece da patria e da sciencia pelos adeantamentos que lhe forneceu.

Mas a patria nem sempre é agradecida. Nas mais mimmas cousas isso se vê. Em seguida á triste noticia do fallecimento de Anchieta, no dia 18, reuniram em sessão ordinaria a camara municipal de Lisboa e a assembleia geral e a 2.^a classe da Academia Real das Sciencias, encerrando a primeira d'estas importantissimas agremiações a sua sessão em homenagem á memoria de um administrador fallecido; e a segunda inserindo nas actas um voto de sentimento á morte do medico Sousa Martins.

Nem uma nem outra prestaram, pois, como lhes cumpria o indeclinavel preito á memoria do seu consocio e benemerito homem de sciencia, honra da sua patria e lustre da corporação a que pertencia.

A camara municipal de Lisboa tem a desculpa a possivel ignorancia de que José Anchieta fosse natural d'esta cidade, porque n'este ponto os seus biographos são omissos, e até a propria certidão de idade, que fomos examinar ao Archivo da Escola Polytechnica, nos processos de matricula referentes ao anno de 1849, é pouco explicita, graças á leviandade com que o assento baptismal está redigido. E pelo requerimento autographo de José Anchieta, em que declara a sua naturalidade, que podemos afirmar ser elle natural de Lisboa.

A Academia Real das Sciencias é que não cabia desculpa nenhuma de tal falta na reunião apontada das suas classes. Felizmente, na ultima sessão, no dia 25, em que reuniu a 1.^a classe um illustre academico, sr. Pina Vidal, propoz um voto de sentimento pela morte do mallogrado socio correspondente José Anchieta. Apraz-nos registrar este facto, mas não deixaremos de extranhar a demora.

Foi em 9 de outubro de 1832 que nasceu em Lisboa José Anchieta. Foram seus paes José Maria Anchieta Portes Pereira Sampaio, antigo official de cavallaria e que morreu reformado em general de brigada, senhor de um morgado em Setubal, de onde era natural, baptizado na freguezia de S. Julião d'aquella cidade, e de D. Maria do Carmo de Oliveira, ambos descendentes de familias distinctas e recebidos na freguezia de S. Pedro, em Alcantara.

Como seu pae era militar, José Anchieta entrou para o Collegio da Luz, onde pouco tempo se demorou, passando mais tarde para a Universidade de Coimbra, com destino a faculdade de Mathematica, mas, por motivos pecuniarios, viu-se forçado a abandonar a cidade do Mondego, matriculando-se por fim na Escola Polytechnica.

A Africa attrahiu-o então. Para lá foi em 1866, com Francisco A. Pinheiro Baião e outros exploradores, completamente abandonado de recursos pelo governo da metropole e das possessões.

Apesar de todas estas contrariedades, Anchieta em Cabinda, Loanda, Molombo, Rio Luilo, Capangombe, Pungó Andango e Angola, recolhia importantes subsidios zoologicos que enviava para Lisboa. As suas collecções zoologicas, enviadas para o museu de Lisboa e acompanhadas de longas e interessantes descrições são a todos os respeito primorosas, confirmando a fina observação e coordenação scientificas de tão illustre explorador portuguez.

Só em 1886 é que o governo da metropole concedeu mais alguns soccorros a José Anchieta, e isto, segundo declara um seu biographo, a instancias de sua esposa, porque o celebre sertanejo não exigia maiores proventos, que tão mingoados eram!

Nos sertões, lá o encontraram Paiva de Andrade, Isaias Newton, Serpa Pinto, Brito Capello, Roberto Ivens, Antonio Maria Cardoso e outros.

Sempre satisfeito, Anchieta com os seus 67 annos de idade, e 32 de permanencia em Africa, era activo, febril, extranhamente apaixonado pela sciencia a que tanto prezava.

Pertencem a essa actividade alguns estudos de valor, taes como os *Traços geologicos da Africa occidental portugueza*, inserto no *Boletim da Sociedade de Geographia*, n.º 9, 5.^a serie respectiva a 1895.

Em 3 de abril de 1876, foi nomeado socio da

Sociedade de Geographia de Lisboa e, por proposta do sr. Ferreira d'Almeida, em sessão de 21 de abril de 1879, foi pedido que se lhe conferisse a medalha de ouro, como galardão nos serviços por elle prestados.

Em 20 de junho de 1879, o sr. dr. Barbosa du Bocage participava á assembleia da Sociedade de Geographia, constituída então por 21 socios, que a medalha de ouro fóra conferida por unanimidade.

Em 1883, estando José Anchieta em Benguela, foi nomeado socio honorario da prestimosa Sociedade de Geographia, sendo o primeiro d'aquelles socios que falleceu.

Memorando aqui a morte do illustre homem de sciencia cuja vida tantos e tantos fructos produziu, fazemol-o com o sentimento de uma triste homenagem, e com a intima convicção de um dever cumprido.

Homens do valor scientifico de José Anchieta merecem mil vezes as homenagens e os respeito não só das gerações que se desenvolvem como das vindouras.

A sciencia zoologica teria caminhado muito pouco entre nós sem os valiosos elementos offerecidos e conquistados por José Anchieta.

A PACIFICAÇÃO DA INDIA

A pag.^a 122 do presente vol. escreviamos, referindo-nos ao novo governador geral da India, sr. coronel Joaquim José Machado, as seguintes palavras:

«Convidado pelo governo para acceitar o cargo de governador da India, o illustre official de engenharia, não se recusou a mais este serviço, por ventura assaz espinhoso, nas actuaes circumstancias, e vai partir dentro em breve a tomar conta do governo da India.»

«Que esta nova commissão seja coroada dos melhores resultados, é o que desejamos, para honra e gloria do illustre engenheiro e da patria portugueza.»

O tempo vem confirmando as nossas palavras, coroadando dos melhores resultados o governo do illustre engenheiro que tem passado os melhores annos da sua vida, no ultramar, sempre em desempenho de commissões difficeis de que tem sabido triumphar.

Estava revoltoso o Estado da India, e, apesar da expedição militar, que partiu de Lisboa em Maio de 1895, commandada pelo sr. Infante D. Afonso, ter submettido os revoltosos com grande gloria para as armas portuguezas, os povos da India não ficaram tranquilos e tornava-se precisa uma amnistia para garantir a completa tranquillidade publica.

Assim o entendeu bem o novo governador sr. Joaquim José Machado e por isso a amnistia foi um dos primeiros actos do seu governo, restabelecendo completamente a ordem com grande regosijo d'aquelles povos, que por diversos modos e fórmas manifestaram a sua satisfação e agradecimento ao governador geral.

Uma d'essas manifestações foi a de um grupo de revoltosos amnistiados, tendo á sua frente Sar-Dessay Dada Ranes, se photographar na residencia do sr. Thomé Caetano da Costa, e offerecer exemplares d'essa photographia a Suas Magestades El-rei D. Carlos, Rainha D. Amelia, Rainha D. Maria Pia, ao serenissimo Infante D. Afonso, ao governador sr. conselheiro Joaquim José Machado, e capitão Branco, administrador e commandante militar de Satary etc.

E' de um d'esses exemplares, com que esta redacção foi brindada, que offerecemos copia aos nossos leitores, nas gravuras da pag.^a 260.

O grupo, como dissemos, foi photographado na residencia do sr. Thomé Caetano da Costa, no dia 24 de Setembro, dia do anniversario natalicio da sua filha a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Theodolinda. No grupo figuram os srs. Thomé Caetano da Costa, D. Maria C. de Saldanha e Costa, Candida da Costa, Antonio da Costa, Lilia da Costa, Theodolinda da Costa, Francisco Luiz da Costa, Dada Ranes, Bolvontó Dessay, Loesimono Ranes, Ballá Ranes, Bolvontó Ranes, Anselmo de Souza, Dr. Octaviano, Ramachondra Porobo e suas comitivas.

Sar-Dessay Dada Ranes é o chefe de Satary com grande influencia n'aquelle povo, o cuja individualidade principiou a notabilisar-se, em 1879, no governo do sr. Conselheiro Caetano d'Almeida e Albuquerque, que o nomeou sargento de cypaes.

Dada Ranes distingue-se dos seus conterraneos, principalmente, pelo seu espirito activo e energico. Por seu intermedio negociou o governo

da Índia a última paz com os revoltosos de Satory, concorrendo bastante para o bom resultado d'essas negociações e ainda ultimamente fez entrega ao administrador de Sanquelin d'algumas armas que estavam em poder dos revoltosos.

ARTE HESPAÑHOLA. — «A MAU TEMPO BOA CARA» — JIMENES MARTIN

A arte hespanhola, especialmente na pintura, contou sempre os mais subidos primores. E' sabido que um numero incalculavel de verdadeiras preciosidades artisticas se guardam nas salas do riquissimo Museu de Pintura, de Madrid, o mais copioso da peninsula e da Europa.

Ahi se admiram as meigas Virgens de Murillo, o pintor *del cielo*, as de Alonso Cano, e as notabilissimas telas de Velasquez, Zurbaran, e tantos outros artistas celebres em tão bella arte, que procuraram os seus assumptos na historia antiga, religiosa ou profana.

Hoje, no campo da arte os assumptos variam muitissimo. Sabiu-se das imagens religiosas, das allegorias e dos mythos. Os inglezes apreciam os assumptos familiares, os francezes a figura nua, os russos os costumes antigos, etc.

N'essa nova orientação da reproducção da natureza vulgar, já muitos paizes educam os seus artistas.

Isto comprehende-se. A pintura não deve ser exclusivamente realista nem tampouco idealista.

Demos de bom grado que o artista se valha da imitação da natureza, como meio de expressão, mas é necessario não esquecer que a primeira lei da pintura, como a mais bella das boas artes é descartar-se de todo o assumpto equivoco ou que infunda repugnancia.

Muitas pessoas julgam que todos os assumptos são bons e que nada ha que seja menos nobre para a pintura.

Affirma-se que não existem seres immundos, disformes e antipathicos para artistas da envergadura de Tinters, de Brawer ou de Ostade; e, se conviermos n'isto, será ajuntando como correctivo que os pintores não são menos nobres quando não tem intenção de o ser, ou quando as suas representações estão caracterizadas por um espirito satyrico, como quando Brawer vai buscar a gentilha das tabernas para lhe copiar as physionomias avinhadas e os andrajos ascorosos e sebertos. Mas, quando consegue dissipar o nojo de os ver vomitar vinho e injurias, emprega n'isso um talento cheio de calor, de finura e de harmonia que nos leva a perdoar-lhe aquelles extremos, aquelles quasi que aberrações do bello.

Um quadro naturalista, quando congraça a nobreza do assumpto com a verdade, é sempre apreciavel. Pertence a esse genero aquelle de que damos uma copia, e que se intitula: *A mau tempo boa cara*, que foi como espirituosamente o designou a sua illustre auctora, a sr.^a Jimenez Martin, cujo retrato, tirado por ella propria, damos em outro lugar do nosso periodico, celebrando o talento da distincta artista hespanhola.

O NADA

Esta palavra não tem significação objectiva no sentido absoluto.

O zero isolado, é innegavelmente um signal correspondente a um juizo.

O nada só pode ser relativo, do mesmo modo que não ha inercia absoluta.

Se hoje existimos, o facto da nossa existencia actual implica necessariamente a eternidade do ser.

Logo, sempre foi alguma cousa.

A materia explica sufficientemente todos os phenomenos, desde o atomo fluctuando á mercê do acaso, até á estrutura maravilhosa do olho e ás combinações deslumbrantes da luz?

E, quando fosse possível dar satisfação plena a quanto dominam os orgãos da percepção externa, seriam resoluveis peremptoriamente os grandes problemas que a cada passo nos entram a carreira e projectam sombras dolorosas no meio das sociedades?

Não é um disparate completo, pretender harmonisar n'uma solução scientifica, aliás baseada em factos fortuitos, todo o trabalho proveniente do laboratorio vastissimo da natureza e todo o producto do esforço e do cogitar das gerações humanas?

E' forçoso que sempre houvesse um «quid» mas não é menos evidente que semelhante «quid»

foi uma capacidade intellectual, inextinguivel no tempo e não localisavel no espaço.

Se apenas atomos e moléculas tivessem sido ab eterno, estado cahotico continuaria a ser o cosmos.

A cega fatalidade impenderia dominadora na geral desordem, e nem afinidade, nem cohesão, nem força alguma, teria poder para constituir os mundos.

E como surgiriam os mesmos atomos e moléculas, de que fonte haveriam de brotar, sendo só o acaso o astro da sua noite, e anteriormente o nada?

E' mister pôr de parte theorias tão estultas, em que se arvora em oraculo o sensualismo brutal e o pedantismo grosseiro e irritante, e attender á logica dos principios da razão, derivados e fundados pela contemplação do Universo casada em hymeneu sereno com a meditação mais profunda.

Por toda a parte assistimos a manifestações regulares na successão, e a phases de mudança mathematicamente previstas.

Podemos assim, marcar hora por hora e até segundo por segundo, o momento de conjunção de diferentes corpos celestes, e calcular com grandissima precisão varios phenomenos atmosphericos que tem mais ou menos influencia directa sobre o nosso proprio organismo, e desempenham função especial no systema do globo que habitamos.

Que é tudo isto, senão a revelação brilhante de leis supremas, ás quaes, se submettem integralmente as cousas e os espiritos?

O nada absoluto é a maior das chimeras, como tambem a materia eterna é o maior dos absurdos.

E' certo que todos os seres se ligam entre si pelo elo material do atomo, particula minima que escapa a penetração da lente; mas, quando o homem cadaver, vai soffrer no seio do tumulo a decomposição dos seus tecidos, ainda fica viva a sua memoria e impressa a sua physionomia na mente das pessoas que o conheceram.

Para aquelles mesmo que, ou por educação errada ou por dificuldade invencivel de comprehensão, não admittem a immortalidade da alma, até para esses o nada é somente relativo.

«De nada, nada» é uma verdade axiomática, que serve a avigorar mais fortemente no conceito dos sabios a intensidade da sua veneração pela Força imponderavel e increada, pelo Ente divino e eterno.

D. Francisco de Noronha.

VULGARISAÇÃO

A DANÇA

III

Nas dansas dos selvagens repêtem-se as circumstancias caracteristicas, communs entre todos os povos em estado primitivo, circumstancias que, como deve suppor-se, variam conforme as raças, o clima e o estado social mais ou menos barbaro de cada povo: apresentam, umas, feição absolutamente critica ou grutesca, memoram outras factos e tradições lendarias, referentes já á historia, já ás creanças religiosas, e apenas de passagem mencionaremos essas terriveis dansas guerreiras dos canacos e outras raças anthropophagas da Oceania e da Africa, dansas que terminam quasi sempre por scenas horrorosas de canibalismo e em que o maldado prisioneiro de guerra, obrigado muitas vezes a tomar parte na festa, tem anticipadamente a certeza de que vai ser assassinado e comido, e, por bem ou por mal, de resignar-se a aceitar o duplo e pouco invejavel papel de bailarino e de apetitosa iguaria!

As dansas nacionaes dos povos civilizados são, com pouquissimas excepções, dansas populares — a gente fina, n'isto, como em tudo mais, vai estando cada dia mais cosmopolita — e variam, em alguns paizes, por cada provincia ou região e até mesmo por cada districto.

Todas, mais ou menos, apresentam interesse, quer artistico quer ethnographico, e a moderna arte choreographica n'ellas tem sabido encontrar elementos de cor local e de effeito pictoresco.

Vulgarizados, na maxima parte pelo theatro, quem haverá ahi que desconheça a *tarantella* italiana, os *jaleos*, boleros e seguidillas da visinha Hespanha, a guiga (Gig) do marujo inglez, o hompide do irlandez humorista, o reel escossez que, no tempo da guerra peninsular, foi entre nos dansa de sala), o popular *cancan* parisiense,

variante burlesca da sensaborica e formal contradansa, apimentada com reminiscencias da celebre *carmagnole*, de revolucionaria memoria? — A polka, resuscitada por um professor de dansa, Raabe, ao qual conferiu celebridade, de uma dansa polaca medieval; a mazurca, tambem de origem polaca, introduzidas ambas no theatro, d'ahi se vulgarisaram para os salões de baile, publicos e particulares, onde vieram supplantar de todo o classico menuete, na sua origem dansa nacional do Poitou, em França, a gavotta, os landuns, como estes tinham antes feito esquecer a sarabanda, a pavana e quantas mais.

O theatro popularisou tambem a kalomaika moscovita, as czardas húngaras e, no principio do seculo, a contradansa, (do inglez, *country-dance*, dansa campestre), a qual sob forma em extremo simplificada, a quadrilha, veio, simultaneamente com a polka, a valsa, (do allemão *waltzer*, adaptação de uma dansa popular da Alemanha septentrional) os lanceiros, quadrilha de character militar, variante do *Sir Roger* de Coverley, dansa ingleza do seculo xvii, e o cotillon, a constituir o programma do baile moderno.

O menuete e a valsa distinguem-se das outras dansas, adoptadas nas salas, mediante o rythmo especial das respectivas melodias, circumstancia que tem dado lugar a typos distinctos de composição musical: — são classicos os menuetes de Lulli, o introductor do genero — o de Mozart; e todos nós conhecemos mais ou menos as popularissimas valsas de Strauss, o rei da valsa, as de Chopin — e essa variante, a valsa cantada, que não deixará de certo de trazer á memoria da leitora os nomes de Ardití, de Godefroy, — e titulos como *Il Baccio*, *Les Gardes de la Reine* e outros que, para mim, e muita gente mais, andam associados com esse feio e inesthetico instrumento de supplicio, o piano da visinha.

Um escriptor distincto e assaz erudito, o inglez Crawford, auctor de varios escriptos acerca de Portugal, referindo-se ás nossas dansas nacionaes, que lhe pareceram melancholicas e algo monotonas, posto que não destituídas de elegancia natural, afirma ser essa a feição dominante das dansas dos povos meridionaes, bem diferente das dos povos do norte da Europa, para os quaes a dansa apenas constitue uma exhibição de habilidade gymnastica. A theorica, no que se refere ás dansas portuguezas, é um tanto arriscada; o facto é que as nossas dansas, do norte ao sul do paiz, apresentam variantes, determinadas, sem duvida, não só pela variedade de raças que pouco a pouco vieram povoando, como tambem pelo contacto que, nós mais do que nenhum outro povo europeu, tivemos com os povos da Asia, Africa, America e Oceania, senão veja-se o fandango, o landum, o *fado*, com o seu character erotico e tão conspicuamente africano, tão parecido com o batuque dos pretos.

A feição que mais distingue as dansas populares das dansas de sala é a sinceridade — o povo baila para se divertir, tem amor ás suas dansas e aprecia a pericia, a virtuosidade do dansador: as dansas de sala, hoje em dia, são apenas mero divertimento convencional, pretexto para matar tempo; dansa cada qual apenas por espirito de imitação, porque o proximo dansa tambem, e d'ahi resulta a falta absoluta de character artistico que predomina entre as ultimas.

IV

E' no theatro que a choreographia como Arte é verdadeiramente cultivada, volvamos pois para o theatro um golpe de vista retrospectivo e vejamos de que modo, ahi pelos fins do seculo passado, a arte da dansa veio a constituir-se, sob a forma que conservou durante o nosso seculo e até ha poucos annos, e observemos a transformação por que está passando actualmente.

Não adiantara muito a Arte choreographica, com o século XVIII, as convenções e maneirismos eram quasi os mesmos que no anterior apresentava.

Os denses da fabula tinham apenas trocado a peruca de aneis e canudos pela cabelleira de rabicho, e apesar da arte de reputados choreographos taes como Novèrre e o grande Vestris, dos preceitos e theorias de Blasis, a dansa como a comprehendiam a Camargo, a Guimard, a Sophia Arnould e outras celebidades da época, pouco ou nada devia parecer-se com a arte das Taglioni, Elsslers, Virginia Couqui, Zucchi, Cerrito, Guy Stéphan, Katty Lanner e outras mais ou menos recentes, cujos nomes são familiares aos amadores e apreciadores do genero.

A dansa era, para a bailarina, apenas uma especie de minuete, acompanhado de mimica e attitudes sempre convencionaes e affectadas, que

ellas executavam de vestidos compridos e pesados, com enormes penteados, exaggerados ainda pelos fantasiosos toucados de plumas. A Arte do bailarino consistia n'esses saltos e pulos desmedidos, n'esses prodigios d'equilibrio que faziam lembrar as evoluções do funnambulo dançando na corda, — salvo o não usarem a maromba. — Havia, e houve até época recente, dois generos, ou *estylos* rivaes, o francez e o italiano: o *ballonné* e o *taqueté*; e, entre os nossos leitores, alguns se recordarão ainda d'essa especie de bonéco de sabugo, *sylpho androgyno* com bochechas de menino de côro (já velho), rosétas de vermelhão nas faces, saio curto, um par de corvinas em vez de pernas, e ás vezes, para cumulo de ridiculo, duas azas de cupido ou de mariposa; e cujas evoluções e saltos mortaes, terminavam invariavelmente na dez ou doze voltas da pirueta, d'esse gyro em corrupio n'um pé só e o outro gordo pernil esticado e projectando-se em angulo recto, no espaço: tudo isto acompanhado d'aquelle eterno sorriso tão alvaramente aggressivo. E ella, a graciosa *sylphide* com os seus *jettés battus*, as terças no ar, fazendo as *pointes* equilibrada nas pontas do pés, pernas e braços arqueados, e suggerindo ao espectador a presença de um enorme caranguejo! De repente, surpresa final, subindo ao fundo do palco, mordida-lhe, ao que parecia, a tarantula, e ella ali vinha de escantilhão, atravessando diagonalmente o tablado, em corrupio até a um dos angulos do proscenio; e o espectador, nas reviravoltas, tinha a perfeita illusão de estar vendo girar um guarda-sol de verão com dois cabos, solto da mão do dono, por um pé de vento.

Tres artistas de talento, Perrot, Petipa, e Saint-Léon, que ha trinta e tantos annos causou delirio em Lisboa, concorreram a espurgar a dança, e principalmente a parte que incumbia ao bailarino, de

A PACIFICAÇÃO DA INDIA

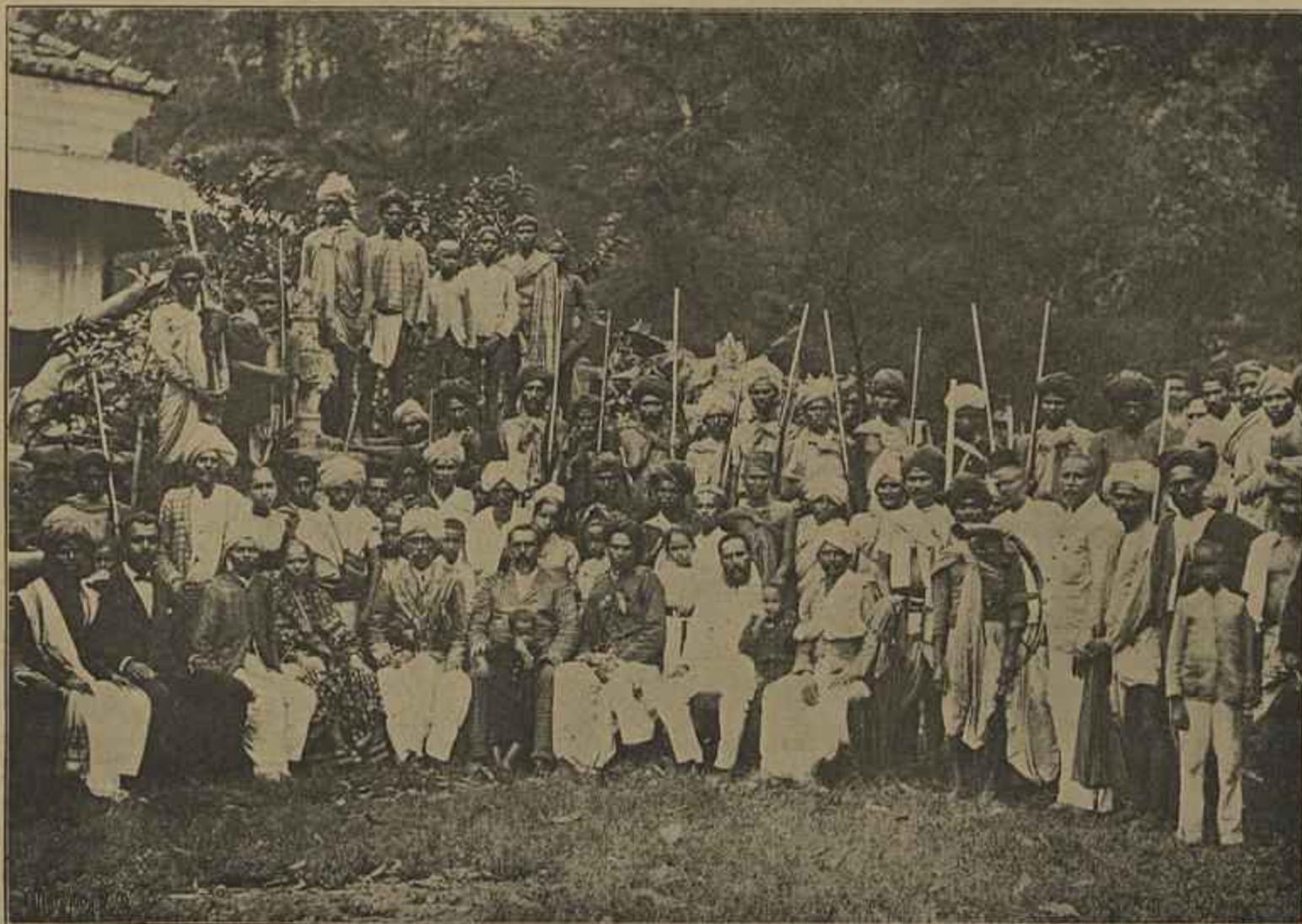


SAR-DESSAY DADÁ RANES

(Cópia de uma photographia do sr. Sousa & Paul)

um sem numero de antigualhas e ridiculas convenções, introduzindo na arte choreographica os passos a caracter, as dansas nacionaes de feição mais pictoresca.

Com este elemento aperfeiçoou-se tambem a parte descriptiva dos bailados— os espectaculos adquiriram cor local, gosto muito mais puro em scenario, trajes, accessorios, combinações artisticas das côres, realçadas por poderosos e brilhantes effeitos de iluminação e de prestigio scenico; e a arte choreographica, cujas exhibições theatraes, prestando-se muito mais a fantasia, offerecem as composições scenicas recursos muito mais vastos do que qualquer outro ramo dos que se cultivam no theatro, tem por esse facto concorrido em grande parte para o extraordinario progresso que a arte de montar espectaculos — a *mise-en-scene*, ou encenamento das peças logrou attingir modernamente. O contingente ministrado a coreographia pelas dansas nacionaes, o bailar tão airoso e inspirado, o fogo peninsular da Petra Camara, da Pepita de Oliva; a dansa maritima tão original da Lydia Thompson; o elemento exótico e o oriental, vulgarizados pelas grandes exposições, mediante essas bayadeiras indianas, as do norte de Africa e a javaneza; com os theatros chinezes, japonezes e anamitas, tudo isto em summa, veio trazendo novos recursos, que tão bem aproveitados foram por compositores de raro talento, como o Manzotti, auctor do *Excelsior*, bailado cuja composição grandiosa, quanto original, entusiasmou o publico culto dos dois hemispherios; por artistas de peregrino engenho, taes como Grévin, o habil desenhista, como Wilhelm não menos habil, mestre na arte de compôr espectaculos e a cuja iniciativa poderosa, a cujas invenções tão engenhosas e ricas de poesia e d'effeito pictoresco se deve a transformação radical do vestuario da bai-



GRUPO DE AMNISTIADOS DA INDIA PHOTOGRAPHADOS NA RESIDENCIA DO SR. THOMÉ CAETANO DA COSTA POR OCCASIAO DA AMNISTIA DECRETADA PELO GOVERNADOR GERAL DA INDIA, SR. CORONEL JOAQUIM JOSÉ MACHADO

(Cópia de uma photographia do sr. Sousa & Paul)



ARTE HESPAÑOLA.—A MAU TEMPO DDA CARA.—Quadro de Jiménez Martín

lurina, assim como também o ter suggerido á graciosíssima Loie Fuller essa tão artística e prestigiosa dança serpentina, que virá, muito provavelmente, a constituir a orientação esthetica da arte coreographica no século vinte.

Pin-Sol.

Roubo do sacramento na Igreja de Odivellas

Na noite de 10 para 11 do mez de maio do anno de 1671, que foi domingo para segunda feira, escalaram a igreja da freguezia de Odivellas e profanando os altares e imagens, abriram sacrilegamente o sacrario, roubando o Santissimo Sacramento que n'elle estava depositado.

Em demonstração de sentimento por tão execrando caso, mandou o monarcha fazer as demonstrações seguintes:

Chamou ao Paço Real o conselho de estado e o desembargo do paço e lhes ordenou que assistissem aquelles dias e os seguintes no Paço para lhe aconselharem o que devia fazer em caso tão abominavel.

Tomou logo, S. A. luto de capa comprida e com golilha e ordenou que toda a corte o tomasse, dando-se para isso aviso a todos os officiaes da casa, titulares, conselheiros de Estado, presidentes dos tribunaes e outros funcionarios aos quaes se deu aviso, tomando igualmente luto toda a qualidade de gente.

Mandou que os palanques que no Terreiro do Paço estavam fabricados para as touradas nas festas a Santo Antonio, se desfizessem logo e que as comédias se suspendessem até segunda ordem, e que se parasse com toda a demonstração de festa. E como costumava haver muitas festas durante o mez de maio, todas se mandaram suspender durante os dias designados.

A festa que os letrados mandavam fazer pelo espirito Santo na igreja de S. Domingos, não se concluiu por este motivo, parando na primeira oitava.

Finalmente sendo o mez de maio o mais festivo e alegre do anno, tanto na cidade como nos arredores, converteu-se elle então em geral sentimento e tristeza.

Mandou S. A. logo ao conde de Villar Mayor, regedor da justiça, que em pessoa e com todas as justiças de vara, passasse ao lugar do delicto, afim de tirar devassa e fazer toda a diligencia para descobrir o delinquente ou delinquentes de tão abominavel e execrando facto.

Mandou que na terça feira seguinte ninguém sahisse de suas casas, sob pena de morte, sem excepção de pessoas nem qualidades, excepto os clerigos, medicos, cirurgiões e sangradores, o que se cumpriu tão fielmente que a cidade parecia um ermo.

Deu-se aviso ao marquez de Marialva para que pelas milicias mandasse lancar o bando na forma acima referida, ordenando-lhe ao mesmo tempo S. A. que fizesse recolher ao castello, onde permaneceriam fechados, os terços, afim de que na mencionada terça feira não succedesse alguma desavença com os judeus, ficando os referidos terços promptos para o que fosse necessario.

A todos os castellos e praças foi expedida ordem para que não deixassem sair embarcação alguma sem ser revista pelos ministros da justiça e a todos os governadores das armas e ministros das justiças das provincias e de todo o reino, foi ordem para exercerem a maior vigilancia sobre a gente que passasse.

Deu-se aviso ao embaixador de França, a respeito da visita que elle devia mandar fazer nas naus de guerra da sua nação, e o mesmo se fez relativamente aos residentes, enviados e consules das demais nações.

S. A. mandou fazer uma procissão de penitencia, que sahiu da Sé e recolheu na igreja de Santa Engracia, acompanhando-a o monarcha, toda a nobreza e ministros estrangeiros bem como uma multidão consideravel de povo.

Resolveu S. A. ir pessoalmente á igreja da freguezia de Odivellas, afim de venerar o Santissimo no proprio local de onde foi roubado, para o que mandou armar o templo. No dia 25 de maio, isto é, passados 15 dias depois d'aquelle em que foi praticado o desacato, se dirigiu pela manhã, em coche, á mencionada igreja, acompanhado dos officiaes da casa real, dos titulares, presidentes e demais nobreza e a meza da irmandade de Santa Engracia, terminando n'este dia o luto.

Na igreja de Odivellas esteve o Senhor exposto todo o dia, pregando de manhã D. Affonso de Faro, e de tarde o padre Bartholomeu do Quental e encerrado que foi o Santissimo, voltou S. A. para o paço.

N'esta funcção levou S. A. e os irmãos de Santa Engracia as medalhas que constituíam a insignia da irmandade.

No referido dia se puzeram vigias e rondas por toda a cidade para evitar quaesquer desordens por causa dos pasquins que appareciam e das disputas que se davam em conversações.

Celebrou-se a procissão do Corpo de Deus, ordenando S. A. que pelas ruas por onde ella passava, não andassem coches, liteiras, seges, nem cavallos e que indo nas referidas carruages mulheres, se apeassem e sabissem logo para fora das ruas da procissão. Mais determinou S. A., que passado o dia do Corpo de Deus, continuassem as comédias.

Nomearam-se mais ministros do que os que havia, para poderem vencer as devassas que se abriram, mandando além d'isso S. A. affixar editaes em que prometia 10000 cruzados e um officio ou emprego, a quem descobrisse o autor do sacrilego roubo.

Por essa occasião expediu S. A. a seguinte carta aos cabidos:

«Deão, conegos, dignidades e cabido, eu o príncipe vos envio muito saudar: Na noite de 10 para 11 d'este mez se escalou a igreja da freguezia de Odivellas, e profanando os altares e imagens, abriram sacrilegamente o sacrario, roubando o Santissimo que n'elle estava depositado; em demonstração de sentimento de tão execrando caso, mandei que toda a corte tomasse luto até se restituir á mesma igreja o Sacramento que d'ella foi roubado, ordenando que em todas as egrejas d'esta cidade se expozesse, pedindo-lhe com demonstrações de arrependimento das culpas e pecados de todos, queira, por meio d'estas rogativas, apalpar o rigor do castigo que nossas culpas merecem, e assim é razão que se fará em todo o meu reino, vos encomendo faças o mesmo, pedindo a Deus se lembre de todos aquelles que o veneramos sacramentado, e quando por vossa via se possa descobrir algum indício de tão horrendo crime, m'o faças saber para mandar continuar as grandes diligencias que mando fazer sobre a averiguação d'elle. Em Lisboa, a 11 de maio de 1677.—O Príncipe.»

Manuel M. Rodrigues.

FORMOSURA PORTUGUÊZA

Conto histórico do tempo dos francezes

(Continuação do numero anterior)

Grande vitalidade possuia então esta pequena terra de tamanho passado, para resistir a semelhante calamidade! restos de grande vitalidade possuie ella ainda hoje, para não cair de todo aos embates da fortuna, que á raça dos seus homens heroicos deu tão lastimavel degeneração, como a que vemos nos seus governantes de todos os matizes, dignos successores da regencia do tempo dos francezes!

Pobre e nobre pátria! meu Portugal velho de tão assignalada história! malfadada hora, em que a desfortuna te inoculou nas veias o soro imprestavel de tantos pigmeus, que, chamando-se teus filhos, te desgovernam, governando-te!

IX

Com as consequencias da guerra, a Hespanha religiosa estava mais sobresaltada e inquieta que a propria Hespanha civil.

As freiras em especial temiam profanações e morticínios, attribuidos ás tropas do inquieto conquistador, do Attila moderno.

O convento de Hoyos não era dos que menos temiam os efeitos de um assalto brutal.

A prioriza, na sua qualidade de franceza, não deixava de orar pelo triumpho das armas napoleónicas, mas não atinava com a desculpa e absolvição para torpezas e assolções.

Grande foi o seu contentamento portanto, ao saber que o sobrinho chegara a Ciudad Rodrigo.

Parecia-lhe que elle, generoso e bom, poderia influir de qualquer modo na tranquillidade sua e da casa, que regia, e escrevia-lhe a pedir-lhe que viesse falar-lhe.

Quem procedesse a profunda indagação, acharia facilmente que Adolfo de Juvat, na sua impaciencia de mancebo excepcionalmente enamorado, teria maior vontade de avistar Hoyos, na pessoa da educanda do convento, do que a tia de vel-o a elle proprio.

—Minha querida tia — dizia elle, dias depois, a beijar-lhe as mãos arravez das grades do con-

vento, mas sem despegar os olhos do vulto feitiçeiro de Luiza, que lhe apparecia debaixo de um novo aspecto. — Minha querida tia, como estou contente!

Luiza constituia o tipo genuino da formosura portugueza, o mixto aperfeiçoado das figuras ideaes da D. Branca e da Joanninha do nosso Garrett.

A cutis aveludada pelas maciezas da reclusão, os olhos scismadores e brilhantes, levemente húmidos de comocão, as formas completamente desenvolvidas e flexiveis, os cabellos sedosos, levemente crespos e castamente cingidos pela touca um pouco monacal da educanda, e por cima de tudo um sorriso de modestissima candura e o arfar seductor do seio palpitante — davam a Juvat um estonteamento facil de imaginar numa natureza impressionavel e exaltada pelas torturas de uma prolongada ausencia.

— Como é formosa, minha Luiza! — dizia elle extasiado.

— É escoreita, graças a Deus — emendou a tia, achando tã simples gabo por demais expressivo.

— O tia, que eu não posso com tantas saudades. Deixe-me desabafar, que vae nisso o meu socêgo. Levante o rôsto, Luiza. Quero contemplar-a, quero...

— Ora vámos, menino — volveu a prioriza. — E então? Não querem vêr um bello militar, que tãdo se enfraquece diante de uma mulher? Se os teus camaradas te vissem, sobrinho...

— Fraquejavam, como eu, se é fraquejar o curvar-se o joelho diante da imagem, que se adora.

— Cala-te, que és um profano.

— Sou um apaixonado sincero. Queimo incenso a quem...

— Outra vêz? O meu sobrinho a poctar... um tenente-coronel... quem tal diria?

— Ao mênos uma vêz na vida...

— Tôdos sômos poetas. Bem sei. Mês... o senhor barão deve.

— Barão? — interrogou Luiza, com ingenuidade, julgando este titulo uma nova graduação militar.

— Barão de Juvat, titulo antiquissimo da nossa casa, e que o Adolfo herdou de seu paé — explicou a prioriza, com a ênfase, com que, apesar da sua posição, revestia as referencias honorificas aos seus parentes.

Pela imaginação de Luiza passou rapidamente a idéa da sua humildade e deixou transparecêr na lindêza do seu rôsto uma nuvemzinha de entresticimento.

Juvat percebeu, e acudiu:

— Eu quisera sêr príncipe...

A tia cortou-lhe a frase, porque na sua opinião ainda não chegara a hora da verdadeira consulta ao coração de Luiza; e fez mudar a conversação para o assumpto que mais a preocupava... a guerra peninsular.

Chegados a este ponto, Luiza, que até ali falara pouco pela comocão que sentia na presença do môço official, tomou parte na conversa, dizendo por fim:

— Quer que eu seja franca? Dá licença, minha senhõra?

— Fale, menina; pode falar.

— Muito sinto que o seu destino seja para Portugal. Bem comprehende porquê, sr. barão.

— Adolfo, Luiza; chame-me Adolfo. Não atino bem...

— Com o motivo porque não gosto de o vêr partir? Os perigos da guerra especialmente...

— Existem em toda a parte, Luiza.

— Bem sei, mas é que... ao lembrar-me de que os portuguezes são meus patricios...

— E inimigos meus... bem vê que...

— Ao lembrar-me de que a sua espada poderá cortar a vida a proprios parentes meus...

E Luiza suspirou, e tomou uma expressão investigadora, que desceu até ao coração do mancebo.

— Prometo-lhe, minha Luiza...

— Não prometa... que nada pode prometer, a não sêr que...

— A não sêr...

— Que, ao lembrar-se de mim e dos favores, que me tem feito...

— E a Luiza a falar n'aquillo, que lhe é defeso! Valha-nos Deus! Ora vámos. Quer então que eu...

Luiza limpava as lágrimas, e só depois de alguns minutos, respondeu:

— Que fique em Hespanha.

— E tarde para o conseguir. Os meus superiores não se harmonizam muito bem, por mútuas invejas e questões pessoais, que prejudicam os serviços, e tornam diñcil ou quasi impossivel qualquer pretensão de carácter particular. Depois... não quero que digam...

— Teus razão, sobrinho. Bem vê, menina, que

o Adolfo não pode sujeitar-se a que alguém suspeite que elle pretende esquivar-se ao serviço...

— Mãe... em Hespanha também se combate. — Deus sabe com que difficuldade consegui chegar-me do cerco de Ciudad Rodrigo, para chegar aqui! Em suma, Luiza, eu não me pertenco e sim á carreira, que abraçei. Indo para onde me mandam, cumprio o meu dever.

O que Luiza não sabia era que o elegante Juvat, ferido patrioticamente nos seus melindres de militar pelos insuccessos das armas francezas, nas duas invasões a Portugal, votara decidido odio aos portuguezes, que julgava feudatários da Inglaterra.

Verdade era que Luiza, com a penetração própria da avançada cultura do seu espirito, conhecia que não podia pôr restrições ao procedimento de Juvat; mas o conhecido ditado — *Triste do passaro, que nasce em mau ninho* — fazia-lhe confrangêr o coração, ao lembrar-se que podia, no futuro, ligar a sua mão a de um homem, que a manchara no sangue dos seus patricios, e quiçá dos seus parentes.

Não tinha saudades da sua rusticidade passada, e fugiria para bem longe, se pretendessem restituil-a a esses tempos, tamanhos sulcos fizera na sua alma, corpo e hábitos o contacto da verdadeira civilização; mas não podia deixar de sofrer com a noticia dos males, que podiam assaltar a terra do seu nascimento.

— Promete-me que não ha-de matar portuguezes? — tornou Luiza, a sorrir-se, suplicantemente.

— Salvo em defesa própria.

— Pois sim, salvemos isso. Tem lá muitos inglezes e então...

— Saciarei nêlles os meus odios — respondeu Juvat, em ar de brincadeira.

— Então promete...

— Prometo tudo o que for compativel com a minha dignidade. Está satisfeita, Luiza?

— Muito satisfeita. E por signal, com a licença, que já obtive da minha mestra, vou oferecer-lhe um objecto, onde encerrei uma reliquia...

— Que será um talisman... vindo da sua mão.

— Lisonjeiro! Não é assim, não senhor. Será talisman, porque encerra a reliquia de um santo, e só por isto, bem vê.

E, metendo a mão na abertura do corpete, Luiza tirou de lá uma pequenissima bolsa bordada sobre seda verde, uma dessas curiosas e trabalhadas ninharias, em que primavam as freiras habilidosas, um objecto encantadôr feito por suas mãos, uma obra prima-no seu genero, pendente de uma fita, que graciosamente lançou ao pescço de Juvat.

Ao reentrar no cerco de Ciudad Rodrigo, o nôvo barão levava o seu escapulário entre a camisa e a farda; e a sua idéa affectiva attribuia-lhe já umas especiaes qualidades preservativas de infortunio.

A superstição é companheira do amor.

X

Tomada Almeida, Massena demorou-se ali, para dar descanso ás tropas, fatigadas das grandes marchas e do cerco de Ciudad Rodrigo, e para organizar o serviço de viveres e communicações.

A 16 de setembro, punha-se em marcha sobre a retirada de Wellington, que, como já dissemos, assolava as povoações, para que os soldados de Massena não encontrassem quaesquer recursos; o que era um novo meio de terrivel destruição, lastimado pelos habitantes, que, ás ordens da regencia se viam obrigados a abandonar as suas casas.

A 27 do mesmo mêz, feria-se a gloriosa batalha do Bussaco, onde o exercito inimigo perdeu cerca de 4500 soldados; e pela partida das tropas aliadas para as linhas de Torres Vedras, Massena, a 30, assenhoreava-se de Coimbra, onde, por pedido do general Pamplona, ao que elle disse, se não praticaram devastações de vulto nos estabelecimentos de ensino e nos principaes monumentos.

No dia seguinte, chegava um correio da fronteira, e o marechal francez, entre a sua numerosa correspondencia, official e particular, recebia a seguinte carta, cuja assignatura desconheceu:

— Príncipe. Escrevo debaixo de uma dolorosa impressão. Ha dois mêzes que não recebo noticias de um official, que é meu sobrinho, e que, pelo seu caracter e pelo affecto, que me dedica, não deixaria de dar-m'as, como sempre foi seu costume, se um impedimento gravissimo o não privasse disso.

«Esse impedimento pode ser a morte.

«Meu sobrinho é o tenente coronel barão de Juvat, um bravo soldado e um nobre filho da Bretanha.

«Deus proteja as armas francezas, e me traga novas rápidas do meu amado sobrinho. Mande dar-m'as vossa alveza, e o mesmo Deus o recompensará pelo alivio, que vier fornecer á minha alma atribulada.

«Cae-me a penna das mãos. Igual a esta cruel incerteza só conheço a morte moral dos que recebem uma eterna condemnação.

«Convento de Hoyos: *Soror Maria das Chagas* — priorêza.»

Terminada a leitura, Massena olhou para Pamplona, que estava a seu lado na attitude de receber ordens, e, dando-lhe a carta, disse:

— Leia, e diga-me se sabe alguma coisa a respeito dêsse official, de que eu não tenho idéa.

— Este bravo rapaz — respondeu Pamplona, depois de informado — foi meu companheiro de viagem de Paris para Ciudad Rodrigo. Fêz a primeira campanha de Portugal, e veio transferido, a seu pedido, do exercito de Italia.

— E depois? Abreviemos o assumpto.

— Caiu atravessado por uma bala na refrega de Almeida, e lá ficou em tratamento no respectivo hospital de sangue.

— Morreria?

— Nada mais sei.

— Pois bem, eu não tenho tempo para pensar em ninharias: incumba a quem de saber do caso o mande informações á freira de Hoyos.

A carta da priorêza, que derramara sentidas lágrimas, ao escrevel-a, provocadas especialmente pelas que a educanda portugueza vertia, ajoelhada, de mãos postas, diante de um crucifixo, atravessara a fronteira, ao mesmo tempo que outra, em sentido contrario, tinha o mesmo destino, e se aproximava de Hoyos.

Abriu-a a priorêza sôfregamente, e só pela assignatura mal firme conheceu a letra do sobrinho.

Luiza, que fôra chamada á pressa, ao ouvir a excellente nova, sentira uma impressão proxima do deliquio, e leu, palpitante de coimção as linhas seguintes:

— Querida tia. Que terá pensado de mim? que suspeitas terá tido Luiza a meu respeito? Perdoem-me, que eu mais não fiz porque mais não pude. No cerco de Almeida caí logo prisioneiro, e ainda me conservo á mercê do inimigo, de quem felizmente tenho recebido bom tratamento.

«Prohibido de comunicar com o exterior, guardado por sentinelas á vista, não pude indicar-lhe qualquer direção, pois só agora me é permitido mandar escrever por outrem este simples aviso, destinado a tranquilisar a minha excelente tia e a querida Luiza, certificando-lhes que nada têm que recear por mim.

«Adeus, tia; adeus, Luiza. Beijei-vos as mãos internectadamente o

Vosso — Adolfo.

Como se vê, o coração de Juvat tinha delicadezas de um sentir pouco vulgar.

Aquella carta, inspirada pelos primeiros alvôres de uma melindrosa convalescência, era uma engenhosa e adoravel mentira, que só as almas de eleição podem apreciar á justa.

As duas senhoras, embeidas pelo verosimil da noticia, fôram resar duas novênas a Nossa Senhora, patenteando-lhe a sua gratidão.

— Mãe Santissima — dizia Luiza no seu pensamento, para que só ella a ouvisse — Mãe Santissima, eu não sei o que o futuro me destina, que sorte vai ser a minha, que esperanças devo alimentar, mas sinto que, se o coração me não engana, a minha vida está presa á daquêlle homem, e que o seu fim será o meu. Protegei-o, senhora minha, ou matae-me, se elle morrer.

Luiza não diria estas palavras a ninguem, em voz alta, não abria a sua alma com esta clarêza, de modo que a ouvissem, mas, a sós com os seus pensamentos, trazia nas súplicas o que só d'ella era bem sabido.

Juvat, atravessado por uma bala na região epigástrica, estêve em perigo de vida, apesar de se lhe não ter offendido nenhum orgão essencial. Uma violenta hemorragia, seguida de um espasmo nervoso, produziu-lhe uma febre violenta que o postrara durante algumas semanas.

Martinou, o fiel e dedicado camarada, tão nosso conhecido, passava noites de vela á cabeceira do seu querido official, com uma paciencia e um carinho verdadeiramente fraternaes, até que o médico o declarou entrado em convalescência.

A privação de movimentos continuados era-lhe imposta, como medida necessária.

Ao pensar na sua situação, lembrou-se de que aquêlle fracasso podia ter sido uma obra providencial, para que elle se não salpicasse com o sangue dos patricios da mulher, a quem dedicara a vida.

E lembrou-se de Luiza e das suas recordações e dos desejos, que ella deixara adivinhar, mas que não pôde definir completamente.

Aqui estava outra vez o amor a lutar com a sua companheira... a superstição.

— Vem cá, Martinou, meu amigo — disse elle um dia, mal pôde falar, ao soldado, que sempre conseguira trazer consigo, e que vivia muito contente por ter conquistado, sem favor as divisas de cabo — Vem cá, Martinou.

— Prompto, meu official.

— Dispensar a continencia. Tu aqui és meu enfermeiro, e, mais do que isso, meu amigo.

— Obrigado, meu official, muito obrigado. Eu cá sou o que sou, e nada, nada mais.

E o cabo internecteu-se, ao dizer isto.

— Olha, Martinou. Dentro daquella malita, bem no fundo, está um papel lacrado, que diz por fora: *Testamento de Adolfo de Juvat*. Se eu morrer...

— Com dez bacarmates, senhor barão! Quem fala aqui em morrer? Com setecentos...

— Não me interrompas. Se eu morrer...

— Isso agora, meu official...

— Outra vez? Cala-te Martinou.

— E' que eu não posso ouvir...

— Cala-te, se não, não acabo hoje. Se eu morrer...

— Hem? Bem... bem. Estou calado, sr. barão.

— Se eu morrer, peço-te que me faças dois serviços.

— Tudo, senhor: tudo farei. Mas isso de morrer... eu cá não posso...

— O primeiro dêsses serviços é pedires que se marque o lugar da minha sepultura, para que minha mãe possa mandar buscar os meus restos mortaes; e o segundo é que tomes conta do meu testamento, e vãs entregal-o áquella menina...

— Bem sei, bem sei... á do convento... á menina Luiza. Engano-me meu official?

— Não te enganas, não. E recomendo-te que só o entregues em mão propria.

— E' um *sarafim*, lá isso é ella. Eu nunca mais a tornei a vêr, mas... sempre deve estar uma perfeição...

— Ai, ai, Martinou. Vê tu...

— Diga, diga...

— Quem diria que o paiz, onde eu entrei como adversário e de que sou verdadeiro inimigo pelo dsastre, que tem soffrido a nossa gente — quem diria que esse paiz havia de conquistar-me o coração e a vida na pessoa de uma mulher... que afinal não é mulher...

— Não é mulher, meu official?

E Martinou abriu desmesuradamente os olhos, e chegou-se mais ao leito, repetindo:

— Não é mulher? Então...

Juvat sorriu-se, e interrompeu-o.

— Que te parece, Martinou?

— Se não é mulher, então... será... Nada para homem é bonita de mais... Eu cá não atino...

— E' uma formosura... é um anjo.

— Lá, se os anjos são bonitos, que ella é um anjo... lá isso é verdade.

A conversa foi interrompida neste ponto pelo médico, que acabava de entrar, e que a achava demasiada, em razão do estado de enfraquecimento e melindra, em que se achava o doente.

Martinou fez o juramento de que, ainda que estivesse diante da boca de uma peça de artilharia, prestes a disparar-se e a trucidal-o, não consentiria, em que o seu official tornasse a falar tanto, sem licença do facultativo.

E' que este dissera lhe categoricamente em particular que a vida do doente ainda corria risco.

E o bom do cabo Martinou enternecia-se, tornava a jurar pelo brilhantismo das suas honrosas divisas, e limpava uma lágrima ao canhão da farda.

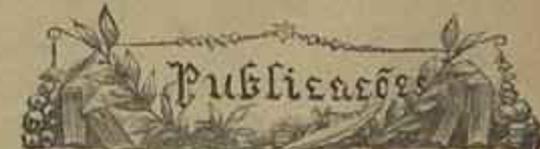
Estaria elle destinado a vêr morrer o seu nobre e valente official?

Antes uma granada o espatifasse primeiramente, a elle, um simples cabo, que não era nobre nem valente.

Alma de eleição a do bom e leal Martinou!

(Continúa)

Sanches de Frias.



Recebemos e agradecemos:

Notizie di Mattioli di Savoia — moglie d'Alfonso Enriquez, primo re di Portogallo — Livorno — Tipographia di Raff. Guasti — 1897.

O erudito historiador italiano conde Luigi Cibrario, tão conhecido no domínio dos estudos históricos pela sua bella obra *Economia Politica da Idade Media*, como benemerito para nos pelos serviços que nos prestou com o seu livro *Ricordi d'una missione in Portogallo al Re Carlo Alberto*, possuía um outro trabalho deveras interessante para os portuguezes, porém muito menos conhecido do que os anteriores. É o presente opusculo intitulado *Notizie di Mauile di Savoia*, que o nosso illustre consul em Livorno, sr. Antonio de Portugal de Faria, reproduziu em uma elegante edição destinada á sua patria, em preito de agradecimento á memoria do nobre historiador que tanto contribuiu para fazer bem conhecidas as relações existentes de ha muitos seculos entre portuguezes e italianos.

Aquelle nosso illustre agente consular, tão distincto na diplomacia como nas letras, deixamos aqui o mais justo louvor pela sua delicada empreza.

O Jornal dos Romances—periodico illustrado, publicado pela Empresa editora da rua de D. Pedro, n.º 178—Porto.

Temos presente o n.º 31, primeiro da quarta serie, do *Jornal dos Romances*, que, além da novella «O Romance d'um soldado», do romance de viagens e aventuras no genero de Julio Verne, «A cidade aerea», do romance historico «Os Cavalleiros da Roxa Vermelha», «Contos para creanças», «Theatros» e «Secção recreativa», e insere o emocionante romance dramatico, «Joanninha a costureira», cuja acção é do mesmo genero «Fanfani» e «Les Deux Gosses», de Pierre Decourcelle.

Como estes, quando representado, o drama sensacional «Joanninha a Costureira», obteve um dos melhores successos. Informam-nos que da redacção do *Jornal dos Romances*, apparecerá em breve a adaptacão d'esse drama e que se destina a um dos nossos theatros.

A Empresa fornece tomos de 10 numeros com capa illustrada, achando-se já publicadas as series 1.ª, 2.ª e 3.ª.

O Seculo—Supplemento litterario—4 de novembro de 1897. Lisboa.

Após dezeseite annos de publicação, lançou agora á publicacão «O Seculo» um seu supplemento humoristico, que será semanal, illustrado pelo sr. Jorge Collaço e dirigido por Accacio de Paiva.

O primeiro numero, sahido na data acima indicada, é interessante e alegre.

Rapsodias Indianas—Edição de Luiz Lopes.—1897—Villa Nova Cavel—Bombaim.

Não ha ninguem que, tendo vivido algum tempo na India Portugueza, não conserve tao indeleavel quão saudosa memoria das ternas canções d'aquelle paiz.

Estas melodias, langorosas por vezes, melancolicas sempre, repassadas d'uma sentimentalidade doentia, capaz até de enervar o mais authenticamente inglez, teem um cunho de origem tao definido, que hem podemos considerar como sendo um dos mais bellos specimens da nossa musica popular.

Ali, as nossas canções, longe de se influenciarem pelas exoticas vocalisas da opera italiana, teem, pelo contrario, enriquecido-se com alguns dos mais bellos e exquisitos rythmos indigenas, sem perderem, como entre nos, a caracteristica popular, que só lhes dá encanto.

Em Portugal, onde o estudo da arte vai atrazado cem annos, pouco se conhecia até hoje d'estas bellas melodias, nem mesmo se procurava conhecê-las.

Esta lacuna, porém, parece preencher-se agora, devido á benemerita iniciativa d'um portuguez residente em Bombaim, o sr. Luiz Lopes, de quem acabamos de receber um exemplar de 3 mandos, colligidos por seu irmão, uma creança de 15 annos, que revela já qualidades artisticas de grande

apreço, mas a quem falta todavia a experiencia das leis e formulas de composição.

Desejariamos antes que o sr. Alfredo Lopes fizesse a sua colleccão a frio, sem pruridos de erudição, que não vão nunca bem n'este genero de trabalho.

Assim, a sua obrasinha seria sem duvida muito mais apreciada se, em vez de cercar com longos ritornellos, as curtas melodias dos mandos nol-as desse antes em toda a sua pureza e simplicidade.

Estes breves conselhos não os tenha o joven pianista como prova de menos apreço pelos seus dotes artisticos, mas sim como dictados pela muita sympathia que nos inspira e ainda um pouco pela auctoridade que nos dão os não poucos annos que contamos por cima das suas 15 primaveras.

É para o sr. Luiz Lopes & C.ª, em Bombay, que se deve dirigir qualquer pedido das *Rapsodias Indianas*, as quaes tambem se acham á venda na casa Gomes, de Pangim.

Estampilha-annunciação do Centenario da India



ARTE HESPAÑHOLA — JIMENEZ MARTIN

—publicada pela Companhia Nacional Editora, Lisboa—Preço: cada tres sellos 10 réis.

Da-seccção typographica da Companhia Nacional Editora, recebemos a gentil offerta de algumas cartas de sellos-annunciação do centenario do descobrimento da India.

Estas estampilhas não teem nenhum valor postal, apenas devem ser collocadas no lado posterior das cartas, servindo de sello de fecho, ou em qualquer outro logar que não possa causar embargo á inutilisacão das estampilhas do correio. Constituem, porém, um gracioso sinete, uma delicada joia das industrias graphicas em Portugal, das quaes é eximia cultora a officina typographica d'aquelle importante estabelecimento.

Veiu isto mostrar á sociedade quanto a industria portugueza está habilitada a produzir trabalhos congeneres, destruindo brilhantemente a afirmativa do contrario, que só intenções pouco patrioticas podem suggerir, levando para o estrangeiro um trabalho que, além das vantagens materiaes de ser executado entre nos, teria a altissima significacão de um producto nacional.

Boletim do Instituto Portuense de Estudos e conferencias. Agosto e Setembro de 1897. Porto. Esta aggremação portuense tem publicado o

seu boletim e n'elle as conferencias realisadas pelos illustres consocios sr. Alexandre José Sarsfield e J. A. Forbes de Magalhães. O primeiro teve por thema *As colonias*, assumpto que tratou com descrição e calor, narrando as luctas recentes a que assistiu. O segundo desenvolveu *A miseria e a beneficencia* offerecendo interessantissimas indicacões acerca de estabelecimentos pios, e em especial das misericordias do reino.

A benemerita commissão tambem acaba de fundar uma bibliotheca na sua sede, para a qual tem recebido varias ofertas.

Madame Sans-Gêne romance illustrado de Edmond Lepelletier—1.ª e 2.ª cadernetas.

A empresa do jornal *O Seculo* começou a publicar em edição illustrada, com gravuras francezas o romance *Madame Sans-Gêne*, de que temos presente as primeiras folhas. O romance tem já grande voga e deve merecer geral acceptação.

É digna de reparo esta extraordinaria abundancia de grandes edicões de romances estrangeiros que ora assoberba o nosso mercado. Seria muito para desejar uma reacção salutar da parte dos nossos auctores.

RETRATO

DE

MOUSINHO D'ALBUQUERQUE

Em busto, grande formato proprio para quadro.

Impresso a tinta photographica sobre fundo gris.

Preço 200 réis

A venda na Empresa do Occidente, Largo do Poço Novo—Lisboa.

Para as provincias envia-se franco de porte.

LIVROS PARA RIR

O NARIZ DO TABELIÃO

Por E. ABOUT

Tradução de Pin-Sel

Um volume illustrado com uma linda capa a cores.

Preço 200 réis, pelo correio 220

Pedidos á

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo

LISBOA

Almanach illustrado do «Occidente» Para 1898

Está a publico este interessante annuario profusamente illustrado e com primorosa collaboracão litteraria.

A capa é um lindo chromo representando o «Adamastor». Preço 200 réis, pelo correio 220 réis, cartonado 300 réis.

A venda em todas as livrarias e na EMPRESA DO «OCCIDENTE»—LARGO DO POÇO NOVO—LISBOA.

AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

VERSÃO DE

ESTEVES PEREIRA

Um volume illustrado com uma linda capa impressa a duas cores, 200 réis.

A venda em todas as livrarias e na Empresa do Occidente, largo do Poço Novo—Lisboa.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova de Loureiro, 25 a 29